

Uma análise da interdição do estádio Engenhão em blogues jornalísticos¹

Rafael FORTES²

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Luiza Aguiar dos ANJOS³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

O trabalho tem como objetivo analisar textos sobre o tema publicados em blogues de veículos de comunicação com foco no esporte de 26/3/2013 a 17/6/2013. Na primeira data, a Prefeitura do Rio de Janeiro anunciou a interdição do Engenhão; na segunda, determinou que se iniciassem as obras de restauro. O artigo começa com a apresentação dos blogues pesquisados e uma reflexão acerca do uso desta ferramenta de comunicação como *corpus* para a pesquisa científica. Na seção seguinte, a análise do material se organiza em torno da discussão sobre legado. Diferentes pontos de vista e temas – como o cenário macro de candidatura, organização e realização de megaeventos esportivos na cidade e no país; as relações entre empreiteiras e poder público – foram mobilizados pelos jornalistas para narrar, explicar e, principalmente, criticar o acontecimento. A discussão destes aspectos também permite abordar determinados traços da cobertura do esporte pelos *media*, bem como a posição ocupada pelos autores dos blogues e por esta ferramenta no cenário comunicacional e nas interfaces deste com o campo esportivo.

Palavras-chave: megaeventos esportivos; internet; blogue; futebol; Rio de Janeiro.

Introdução⁴

Em 30 de junho de 2007, foi inaugurado o Estádio Olímpico João Havelange, chamado popularmente de Engenhão.⁵ O equipamento foi construído por meio de financiamento público para sediar as competições de futebol e atletismo dos Jogos Pan-Americanos a se realizarem naquele ano na cidade.

A organização desta competição fazia parte de um projeto amplo, que abrangia a Copa de Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 (Curi, Knijnik e Mascarenhas, 2011). Há quem aponte que a promoção de tais eventos está em sintonia com ações em outros campos, integrando uma estratégia de promoção internacional do Brasil (Rubio,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Departamento de Ciências Sociais e coordenador do Laboratório de Comunicação e História (Lachi – www.lachi.com.br). Atua no corpo permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: raffortes@hotmail.com.

³ Doutoranda em Ciências do Movimento Humano. Contato: luizaaguiardosanjos@gmail.com.

⁴ Versão condensada do artigo (no momento, com 27 páginas) para cumprir os limites estabelecidos pelas normas do congresso. Favor não citar.

⁵ O apelido deve-se à localização do estádio, situado no bairro Engenho de Dentro. Em fevereiro de 2015, a Prefeitura “autorizou o Botafogo a chamar o Estádio Olímpico João Havelange de Estádio Nilton Santos”. No período correspondente ao recorte temporal do *corpus*, vigorava a primeira denominação, que continua sendo o nome oficial. EDUARDO PAES autoriza o Botafogo a chamar Engenhão de Estádio Nilton Santos. *Lancenet*, 10 fev. 2015. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/botafogo/Eduardo-Botafogo-Engenhao-Estadio-Nilton_0_1301269984.html>. Acesso em 16 mar. 2015.

2010; Almeida e Marchi Junior, 2014). Nas palavras de Vigevani e Cepaluni (2007), o primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva adotou uma

estratégia que poderia ser batizada de ‘autonomia pela diversificação’, enfatizando a cooperação Sul-Sul para buscar maior equilíbrio com os países do Norte, realizando ajustes, aumentando o protagonismo internacional do país e consolidando mudanças de programa na política externa (p. 283).

Por exemplo, o fortalecimento das relações com países da América do Sul, a realização de “acordos com parceiros não-tradicionais”, a “retomada e estreitamento das relações com os países africanos (...) [e a] campanha pela reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas, visando um lugar de membro permanente para o Brasil” (p. 283, 292). Uma fala do então presidente, em 2008, em discurso de apoio à candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos, parece evidenciar essa dinâmica. Ele afirmou que

não se tratava de uma candidatura de “um país terceiro-mundista na busca de um espaço junto aos chamados países desenvolvidos”, reiterando que o Brasil “não é um paizinho qualquer”, já que “em qualquer quesito [...] está entre os 10 maiores países do mundo.” (Almeida e Marchi Junior, 2014, p. 20).

Os insucessos em candidaturas olímpicas anteriores motivaram o plano de ter no Pan o exemplo de competência que contribuiria para a escolha do Rio pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).⁶ Em texto escrito antes da decisão sobre a sede dos Jogos Olímpicos de 2016, embora crítico⁷ em relação aos megaeventos esportivos, Mascarenhas (2009) afirmou:

Outro aspecto positivo para o Rio de Janeiro é o conjunto de instalações esportivas criado para o Pan 2007, amplamente considerado de alto nível. Ao mesmo tempo, este evento foi avaliado como uma experiência (logística) bem-sucedida, o que fortalece nossa candidatura. O próprio *know-how* adquirido com este evento nos habilita a realizar uma Olimpíada (p. 530).

A concretização desse projeto, com a escolha do Brasil e do Rio de Janeiro como sede dos megaeventos, veio acompanhada de discursos laudatórios e otimistas, mas também de posicionamentos críticos e desconfiados, tanto no plano jornalístico quanto no

⁶ Na lista elaborada por Booth (2011) com as cidades candidatas a sede dos jogos de 1976 em diante, aparecem Brasília (2000) e Rio de Janeiro (2004, 2012 e 2016).

⁷ Para o autor, “o Pan 2007 produziu (...) instalações esportivas de excelente nível, porém destinadas ao abandono” (p. 527) e seu planejamento foi caracterizado por “falta de transparência” e “autoritarismo”, além de haver consumido “3,4 bilhões de reais, o que representa oito vezes mais do que o inicialmente previsto, quando da candidatura da cidade em 2002” (p. 524).

científico.⁸

Em março de 2013, um acontecimento acendeu os debates acerca dos legados deixados pelos megaeventos esportivos, e sobre a própria competência brasileira para realizá-los: a interdição do Engenhão. Este episódio teve três principais protagonistas: a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, financiadora da obra e proprietária (Curi, 2012); as empresas responsáveis pela construção; e o Botafogo de Futebol e Regatas, clube que se tornou gestor do estádio ao vencer a licitação aberta em 2007.

Esse trabalho tem como objetivo analisar textos que trataram desse tema, publicados em blogues de veículos de comunicação com foco no esporte, de 26/3/2013 a 17/6/2013. Na primeira data, a Prefeitura do Rio de Janeiro anunciou a interdição. Em 10/6/2013, através de decreto no Diário Oficial do Município, a Prefeitura determinou que o consórcio formado pelas empresas Racional, Delta e Recome e o consórcio Engenhão (formado por OAS e Odebrecht) deveriam começar as obras na cobertura do estádio.⁹ Concluindo o recorte temporal em 17/6/2013, uma semana após a publicação do decreto, acreditamos cobrir a maior parte dos textos divulgados sobre o assunto.

O texto se organiza em duas partes. A primeira descreve o percurso metodológico, apresenta os blogues selecionados e reflete acerca do uso dessa ferramenta de comunicação como *corpus* para a pesquisa científica. A segunda analisa o material empírico, articulando-o com a discussão dos megaeventos esportivos e seus legados.¹⁰

Caminhos metodológicos e os blogues como objeto de pesquisa

Em meados de 2014, realizamos um levantamento em sites: de emissoras de rádio AM e jornais diários da cidade do Rio de Janeiro; e de canais esportivos de TV por assinatura e portais de internet. Buscamos na lista de blogues e na editoria de esportes aqueles que tivessem conteúdo voltado para cobertura do futebol fluminense e/ou bastidores do esporte.¹¹ Encontramos 41 blogues,¹² distribuídos nos seguintes sites (o total de cada site

⁸ Tais debates também ocorrem no cenário internacional. Para exemplos de investigações críticas no plano científico e no jornalístico, ver, respectivamente, Booth (2011) e Jennings (2011). Os dois artigos contêm prólogos descrevendo censura política sofrida por uma revista científica, que decidiu não publicá-los.

⁹ CARDOSO, Cristiane. Prefeitura do Rio decreta início imediato de obras do Engenhão. *GI*, 10 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/prefeitura-do-rio-decreta-inicio-imediato-de-obras-do-engenhao.html>>. Acesso em 8 jan. 2015.

¹⁰ O artigo completo analisa outros três temas: a atribuição de responsabilidades pelo ocorrido e pelos custos; a preocupação com a imagem externa do país; e as implicações da interdição para o Botafogo. Infelizmente, devido ao limite de 15 páginas, não é possível apresentar tal análise.

¹¹ De forma complementar, realizamos levantamento em cinco blogues de torcedores botafoguenses.

¹² Mesmo assim, diversos blogues foram excluídos, como aqueles que se dedicavam exclusivamente ao futebol praticado em outros países e continentes. A pesquisa tem uma série de *armadilhas*, referentes às idiosincrasias da organização da

está entre parênteses): ESPN/ESPN Brasil (12), Extra (1), Fox Sports (9), O Globo (3), Lancenet (7), Rádio CBN (5), Rádio Globo (2) e Sportv (2). Dos 41 blogues, 18 tiveram ao menos um texto mencionando o fechamento do Engenhão. O universo investigado totalizou 54 textos.¹³

Os seguintes sites foram pesquisados e não continham blogues que se enquadrassem nas características mencionadas: Band Sports, O Dia, Rádio Bradesco Esportes, Rádio Band News, Rádio Manchete, Rádio Tupi. No que diz respeito aos quatro principais portais, uma visita à lista de blogues evidenciou escassez de material que servisse à pesquisa: Globo.com não tem blogueiro que se dedique a esporte; IG tem apenas um blogue sobre “bastidores do futebol” (Blog do Jorge Nicola); Terra não tem blogueiros nem colunistas de esporte; UOL tem vários blogues sobre esporte, mas nenhum que se dedique ao Rio de Janeiro.¹⁴

Passamos à discussão de algumas características deste universo, relacionando-as a trabalhos sobre a pesquisa de blogues em Comunicação. Em primeiro lugar, chama a atenção a pouca atenção ao esporte entre os autores que se debruçaram sobre o tema. Dos 140 trabalhos listados no estado da arte elaborado por Amaral, Recuero e Montardo (2009b), nenhum aborda o esporte, o qual tampouco é mencionado pelas autoras como um tema de investigação. Ele é mencionado apenas duas vezes em toda a obra (Amaral, Recuero e Montardo, 2009a).

A sociabilidade e as trocas proporcionadas pelos comentários são um dos aspectos destacados pelos estudiosos (Amaral, Recuero e Montardo, 2009b). Optamos por não analisar os comentários dos leitores, por três motivos: o número total é reduzido; o conteúdo não nos pareceu promissor, em termos de fornecer subsídios para análise¹⁵; e vários blogues pesquisados não os permitem.

De acordo com as mesmas autoras, a personalização também é considerada relevante pelos pesquisadores. Dos 41 blogues investigados, apenas dois eram claramente

informação na internet: no site da ESPN, por exemplo, a lista de blogues do menu superior é diferente da disponível no menu do lado direito. Em cada blogue, fizemos o levantamento através de leitura da listagem de textos (*browse*) entrada a entrada, por ordem cronológica de postagem, sem depender de mecanismo de busca. Os mecanismos de busca foram usados apenas nos casos em que inexistia a opção de *browse*, como nos blogues das rádios CBN e Tupi.

¹³ A não ocorrência de notícias em 23 blogues se explica por três motivos principais: a) o blogue não continha uma seção *arquivo* que apresentasse cronologicamente os textos e/ou um mecanismo que permitisse busca por palavras-chave; b) o blogue contava com arquivo, mas não continha textos referentes ao período desejado (ou havia sido criado após junho de 2013); c) o blogue continha arquivo e textos referentes ao período desejado, mas nenhum destes abordava o fechamento do Engenhão. Há ainda fatores que não são decisivos, mas influem no maior ou menor interesse pelo futebol fluminense, como: o jornalista trabalhar no RJ ou em outro estado; e a emissora (sobretudo nos canais de TV por assinatura) transmitir ou não aquele estadual. Retomamos esta discussão nas considerações finais.

¹⁴ Parte dos blogues do UOL acabou incluída porque os jornalistas trabalham em emissoras ou veículos cujos sites constavam da amostragem (por exemplo, Juca Kfourri).

¹⁵ Isto no que diz respeito ao universo específico que investigamos. Evidentemente, os comentários de leitores deixados em sites de notícias e blogues podem constituir rico *corpus* para análise.

atribuídos a mais de uma pessoa. Considerando que todos estão hospedados nos sites dos veículos de comunicação em que os jornalistas trabalham, por um lado, podemos afirmar que, na maioria dos casos, o aspecto pessoal (no sentido de individual) se mantém; por outro, o mesmo não ocorre com a questão da personalização tal qual destacada pela bibliografia (Amaral, Recuero e Montardo, 2009b). Isto tanto pela estrutura padronizada (em geral, todos os blogues de um veículo têm o mesmo *layout*) quanto por possíveis constrangimentos e regras (não se trata de escrever *qualquer texto, em qualquer linguagem, sobre qualquer assunto*), tendo em vista se tratar de tarefa profissional.

A característica de “redes sociais constituídas através das trocas de comentários e links” é nula: ambos praticamente inexistem (Amaral, Recuero e Montardo, 2009b, p. 37). O principal fator que confere visibilidade a estes blogues é o fato de estarem vinculados aos sites de veículos e emissoras de comunicação nos quais trabalham os jornalistas que são seus autores. Observamos que seu conteúdo pode ser a mera reprodução do trabalho realizado em outras mídias – como no caso dos blogues que se limitam a replicar as colunas publicadas em um jornal diário, por exemplo –, textos originais, ou ambos.¹⁶ Quando se trata de reprodução, é sempre de colunas (e não de reportagens, por exemplo).¹⁷

Do ponto de vista laboral e de classe, há que se pensar no que representa esta *nova tarefa* para o profissional em meio à rotina árdua das redações.¹⁸ O fato de alguns veículos terem dezenas de blogues em seus sites sugere que, no âmbito das grandes empresas de comunicação, essa ferramenta converteu-se em mais uma atividade imposta aos trabalhadores, sem a contrapartida de reajuste ou adicional no contracheque.¹⁹ Muito poderia ser dito quanto às condições de produção, o que foge ao foco deste artigo. Voltemos a ele, passando à análise do *corpus*.

Legado e megaeventos

¹⁶ Verificar individualmente cada blogue em função de determinadas características, tal como propõe Escobar (2009), para, em tese, determinar seu caráter jornalístico ou não-jornalístico escapa ao propósito de nossa pesquisa.

¹⁷ Considerando-se a divisão formal que orienta os espaços noticiosos na ampla maioria dos veículos e produtos de comunicação brasileiros, supostamente separando informação e opinião.

¹⁸ As afirmações deste parágrafo procedem também da observação de um de nós (Rafael Fortes) ao longo dos últimos 10 anos, que incluem conversas com amigos que trabalham ou trabalhavam em grandes redações.

¹⁹ Evidentemente, é possível que alguns jornalistas *gostem* de escrever em blogues, apreciem a interlocução com os leitores, tenham um retorno positivo em termos de autoestima (em função dos comentários, do compartilhamento dos textos e das estatísticas de acesso) e de novas oportunidades profissionais etc. Desejamos, contudo, chamar a atenção para aspectos estruturais da incorporação desta ferramenta no âmbito das relações de trabalho sob um regime de exploração capitalista – aspecto em geral ausente das reivindicações e preocupações centrais das entidades de classe dos jornalistas brasileiros, cuja atenção, desde a virada do século, foi praticamente monopolizada pela luta pelo (re)estabelecimento da obrigatoriedade de diploma universitário específico para o exercício da profissão de jornalista; e também ignorado em trabalhos científicos de Comunicação que tratam do tema. Por exemplo, embora apontem que “na Alemanha, *blogs* de jornalistas não são tão comuns como no Brasil (...)”. As razões para isso seriam a falta de tempo e de uma remuneração extra por esse trabalho, além da desconfiança e falta de conhecimento sobre o assunto”, Quadros e Sponholz (2006, p. 3) não discutem a questão.

O primeiro tema de discussão em torno dos legados diz respeito ao fato de o Engenhão ter sido construído para os Jogos Pan-Americanos de 2007. Ele é chamado de o “maior símbolo do ‘legado’ do Pan”²⁰ e a “joia da rainha do Pan”²¹. Um dos artifícios usados foi lançar mão de ironia para apontar a contradição entre os problemas com os equipamentos construídos para aquele evento e o discurso ufanista das autoridades nos anos que o antecederam:

Some-se a isso [à interdição do Engenhão] a informação de que a natação no Júlio Delamare também foi para o bebeléu, mais a demolição do Célio de Barros, assim como o fim do Velódromo, e eis que, como nunca, a três anos da Olimpíada brasileira, estamos formando uma cultura olímpica, como nos foi prometido pelo presidente do COB e do CoRio.²²

O jornalista argumenta que, longe de se tratar de um caso isolado, o Engenhão faz parte de uma regra: a das promessas não cumpridas em relação à utilidade dos equipamentos esportivos construídos para o evento. Os exemplos citados demonstram que a infraestrutura para a realização de um megaevento não constitui necessariamente um legado positivo. Equipamentos excessivamente grandes ou cujo uso não corresponde aos interesses da cultura local podem significar um problema por gerarem altos custos de manutenção, sem um retorno à altura para a comunidade (Jago et al., 2010). Esse problema, segundo Jago et al. (2010), pode ser evitado se a organização do megaevento for considerada dentro do plano de desenvolvimento a longo prazo da cidade. Os autores afirmam, contudo, que isso raramente é feito e que a organização realizada em uma perspectiva de curto prazo – e com frequência pulando etapas por falta de tempo hábil – faz com que os benefícios potenciais poucas vezes sejam alcançados. Ademais, o legado de um megaevento esportivo envolve uma série de aspectos além dos equipamentos construídos ou reformados para a realização das competições, podendo ser tanto positivos quanto negativos (Girginov, 2011; Jago et al., 2010; Pampuch, Almeida e Marchi Junior, 2012).²³

Colocando o ocorrido no contexto amplo de preparação para os megaeventos, alguns blogues levantam a possibilidade de os erros que levaram à interdição do Engenhão estarem

²⁰ PRADO, Renato Maurício. Gigantes ou anões. *O blog do Renato Maurício Prado*, 02 abr. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/04/02/gigantes-ou-anoes-491855.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.

²¹ MALIA, José Roberto. Engenhão, R\$ 380 mi: uma vergonha da pátria de chuteiras. E todos estão soltos! *José Roberto Malia*. 7 jun. 2013. Disponível em <<http://espn.uol.com.br/post/334934-engenhao-r-380-mi-mais-uma-vergonha-da-patria-de-chuteiras-e-todos-estao-soltos>>. Acesso em 16 jun. 2014.

²² CoRio é o Comitê Organizador Rio 2016. KFOURI, Juca. Parabéns, Brasil olímpico! *Blog do Juca Kfour*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2013/03/parabens-brasil-olimpico/>. Acesso em 01 ago. 2014.

²³ A discussão sobre legados é extensa e controversa. Para uma categorização dos possíveis legados positivos e negativos e uma discussão do assunto, ver os textos citados.

se repetindo nas obras então em curso, sobretudo relativas ao Mundial de 2014: “Quem garante que os estádios da Copa não estão sendo erguidos ou reformados da mesma forma?”²⁴ O principal argumento apresentado para sustentar a hipótese é o envolvimento das construtoras responsáveis pelo Engenhão em outras obras: “*E o Maracanã? Não são os mesmos?*”²⁵ Pressa e má realização foram comumente apontadas como “características”²⁶ que poderiam acontecer de novo: “O Engenhão é mais um de tantos casos. Não um caso desastrado de engenharia. Mais um caso de falta total de zelo. E que se repete. Ontem, hoje e amanhã.”²⁷

Ainda no contexto dos megaeventos, criticou-se o fato de o estádio, apesar do alto custo de construção e de se encontrar interditado para conserto da cobertura, necessitar de outras obras para 2016:

Projetada para receber uma Olimpíada, a arena é chamada de estádio olímpico. [...] Mas para abrigar os Jogos de 2016 teria que passar por nova reforma, fora a questão da cobertura. Precisaria de mais lugares – pelo menos 12 mil –, além de equacionar a questão do estacionamento e do transporte público até o estádio e resolver seus problemas estruturais.²⁸

Um jornalista aprofundou esta discussão sobre *que obra* realizar, tendo em vista a necessidade de consertar a cobertura e de ampliar a capacidade de público para a Olimpíada. Uma das possibilidades apresentadas foi que ambas fossem realizadas simultaneamente.²⁹

Um argumento frequentemente usado para ressaltar a gravidade do fechamento foi que o Engenhão se tornara o “principal palco do futebol carioca, desde o início das obras do Maracanã, em 2010”³⁰ e seu fechamento “deixa[ra] o Rio sem lugar decente para os jogos

²⁴ PRADO, Renato Maurício. Gigantes ou anões. *O blog do Renato Maurício Prado*, 02 abr. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/04/02/gigantes-ou-anoes-491855.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.

²⁵ PENIDO, Luiz. Engenhão interditado vira mar de dúvidas. *Fala, Penido! O Garotão da Galera*, 26 mar 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.globo.com/luiz-penido/platb/2013/03/26/engenhao-interditado-vira-mar-de-duvidas>>. Acesso em 21 jun. 2014.

²⁶ CALÇADE, Paulo. Estádios da Copa podem repetir o fiasco do Engenhão. *Blog de Paulo Calçade*, 2 abr. 2013. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/320441_estadios-da-copa-podem-repetir-fiasco-do-engenhao>. Acesso em 31 jul. 2014.

²⁷ BECHLER, Marcelo. Que vergonha do Engenhão. *Blog do Bechler*. 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.globo.com/platb/marcelobechler/2013/03>>. Acesso em 21 jun. 2014.

²⁸ JANCA. A interdição do Engenhão. *Bastidores – Copa e Olimpíada*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/blogdojanca/2013/03/27/a-interdicao-do-engenhao/>. Acesso em 22 mai. 2014.

²⁹ CASTELLAR, Michel. COI, Maracanã e Engenhão. *Rio 2016*, 30 abr. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/rio2016/2013/04/30/coi-maracana-e-engenhao/>. Acesso em 29 mai. 2014. Este blogue foi o único a priorizar a discussão sobre a preparação para os Jogos Olímpicos, abordando, em outros três textos, a relação entre o conserto da cobertura e as obras para 2016.

³⁰ PUGLIESE, Sérgio. Engenhão em tempos de glória. *A pelada como ela é*, 28 mar. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/pelada/posts/2013/03/28/engenhao-em-tempos-de-gloria-491363.asp>. Acesso em 11 jun. 2014.

de seu campeonato.”³¹ Em meio ao campeonato estadual, a capital ficou sem espaço adequado para as partidas entre os quatro principais clubes, pois os maiores estádios em uso – São Januário e Moça Bonita – não estavam autorizados pela polícia militar a receber clássicos.³² Tal situação, problemática em si, foi considerada por alguns jornalistas ainda mais grave justamente por ser a cidade sede de competições internacionais e pelo volume de recursos gastos em equipamentos esportivos.³³ Tais textos inserem o fechamento do estádio e a situação decorrente num contexto amplo de crise do futebol e da administração pública brasileiros. Esta possibilidade de contextualização e argumentação raramente existe no jornalismo diário – e é uma possibilidade interessante para os blogs.³⁴

O *imbroglio* em torno do estádio também foi relacionado à qualidade do campeonato estadual de futebol profissional: “O Carioca 2013 foi esquecível por vários motivos: inchaço habitual, baixo nível técnico, estádios vazios, interdição do Engenhão (...)”³⁵. Renato Mauricio Prado lançou mão de ironia, sugerindo que, “com o Engenhão interditado e o estádio do Volta Redonda rachado, periga a final do Estadual ser disputada no Aterro do Flamengo, como preliminar do clássico entre os garçons do Porcão e os do Belmonte. Dá-lhe, Rubinho!”³⁶

Outros sugeriram que o objetivo da construção fora auxiliar a candidatura da cidade a receber os Jogos Olímpicos:

O Estádio Olímpico João Havelange, nomenclatura apropriada, custou R\$ 400 milhões para uma só missão: ajudar o Rio de Janeiro a ser sede das Olimpíadas. Se tudo se desintegrar menos de seis anos depois, não tem problema.
Talvez até já estivesse combinado.³⁷

³¹ MÁXIMO, João. O tal legado que tanto nos orgulha. *Blog de João Máximo*, 16 abr. 2013. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/323301_o-tal-legado-que-tanto-nos-orgulha>. Acesso em 31 jul. 2014.

³² Muitos jogos, inclusive as semifinais e final do campeonato, foram transferidos para o Estádio Raulino de Oliveira, em Volta Redonda. PENIDO, Luiz. Engenhão interditado vira mar de dúvidas. *Fala, Penido! O Garotão da Galera*, 26 mar 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.globoradio.globo.com/luiz-penido/platb/2013/03/26/engenhao-interditado-vira-mar-de-duvidas>>. Acesso em 21 jun. 2014.

³³ BENJA. Imaginem o que virá pela frente. *Papo com Benja*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/benja/2013/03/27/imaginem-o-que-vira-pela-frente/>. Acesso em 29 mai. 2014.

³⁴ Para aprofundar a investigação, seria necessário explorar as condições de produção dos blogs, conforme dito no item anterior.

³⁵ ROCHA, André. Botafogo: campeão incontestável do Rio e pronto para o salto nacional. *Olho Tático*, 5 jun. 2013. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/327560_botafogo-campeao-incontestavel-no-rio-e-pronto-para-o-salto-nacional>. Acesso em 27 jul. 2014.

³⁶ O Aterro do Flamengo abrange o maior parque do município, tem vários campos de futebol e é um local tradicional de *peladas* e de campeonatos amadores, inclusive de trabalhadores de bares e restaurantes. Porcão e Belmonte são, respectivamente, redes de churrascarias e de bares e contam com unidades próximas ao Aterro. “Rubinho” é Rubens Lopes da Costa Filho, presidente da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro. PRADO, Renato Maurício. E o vento levou... *O blog do Renato Maurício Prado*, 29 mar. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/03/29/e-vento-levou-491501.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.

³⁷ KFOURI, André. Camisa 12. *Blog dos colonistas*, 29 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/andrekfour/2013/03/29/camisa-12-137/>. Acesso em 22 mai. 2014.

O trecho permite pensar a decisão de erguer tal equipamento esportivo – e de fazê-lo nas condições e da forma como se fez – como um meio, e não um fim. De acordo com esta perspectiva, não haveria motivo para surpresa, pois os resultados eram coerentes com os objetivos: produzir um *continuum* de gastos, que incluiria novas obras para a Olimpíada no Engenhão (reformado entre 2013-2015) e no Maracanã (fechado para reformas entre 2010 e 2013).³⁸

Em raras ocasiões abordou-se a questão dos posicionamentos a respeito dos megaeventos esportivos, em particular os das próprias empresas de comunicação e de seus funcionários, os jornalistas. De acordo com os autores que o fizeram, quem aponta os problemas, erros e crimes é considerado “baixo astral”³⁹ por um jornalismo esportivo que optou por ignorar questões espinhosas e que tentava criar um clima de empolgação⁴⁰ com a seleção brasileira e a Copa das Confederações.⁴¹

Considerações finais

Neste artigo, analisamos a discussão sobre o fechamento do Engenhão pela Prefeitura do Rio de Janeiro em blogues vinculados a grandes empresas de comunicação. Diferentes pontos de vista e temas – como o cenário macro de candidatura, organização e realização de megaeventos esportivos na cidade e no país; as relações entre empreiteiras e poder público – foram mobilizados pelos jornalistas para narrar, explicar e, principalmente, criticar o acontecimento. A discussão destes aspectos também permite abordar determinados traços da cobertura do esporte pelos *media*, bem como a posição ocupada pelos autores dos blogues e por esta ferramenta no cenário comunicacional e nas interfaces deste com o campo esportivo. De forma geral, as falas encontradas pareceram demonstrar revolta, mas não surpresa diante da interdição.

Consideramos importante retomar o dado de que não encontramos referências ao assunto na maioria dos blogues lidos. Diversas razões podem explicar tal situação (ver nota

³⁸ JANCA. Cariocas itinerantes. *Bastidores – Copa e Olimpíada*, 13 abr. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/blogdojanca/2013/04/13/cariocas-itinerantes/>. Acesso em 22 mai. 2014.

³⁹ CASTRO, Lúcio de. Odorico, Paes, Cabral, Nuzman, o estádio que honra o nome e um documentário definitivo. *Blog de Lúcio de Castro*, 26 mar. 2013. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/319097_odorico-paes-cabral-nuzman-o-estadio-que-honra-o-nome-e-um-documentario-definitivo>. Acesso em 31 jul. 2014. Esta deslegitimação dos críticos dos megaeventos esportivos, em alguma medida, também pode ser observada em certos espaços e debates científicos.

⁴⁰ Na visão do autor, sem que houvesse contrapartida da população. JANCA. Pra frente Brasil. *Bastidores – Copa e Olimpíada*, 09 jun. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/blogdojanca/2013/06/09/pra-frente-brasil/>. Acesso em 22 mai. 2014.

⁴¹ O material empírico pesquisado, em parte, foi escrito nos dias antecedentes e durante a Copa das Confederações (realizada entre 15 e 30/6/2013). Durante o período, discutiu-se bastante a infraestrutura do país, com foco não apenas naquela competição, mas na Copa do Mundo (que seria disputada um ano depois) e nos Jogos Olímpicos (2016). O Campeonato Brasileiro foi suspenso e a cobertura dos clubes – e do futebol do Rio de Janeiro – diminuiu bastante.

13). Não obstante, um possível motivo reside nas próprias características da abordagem do esporte nos veículos de comunicação hegemônicos. Discutindo a cobertura nos EUA, McChesney (1989) afirma que o esporte é um tema que *cai bem* na mídia comercial porque frequentemente é abordado sem se discutir aspectos como política, corrupção e *doping*, o que combina com os interesses de uma mídia que quer vender a todos e se pretende, entre outras características, apartidária e comprometida com a objetividade. Gruneau (1989) afirma que, na cultura profissional do jornalismo na América do Norte, problemas e conflitos são considerados importantes notícias. Contudo, no noticiário esportivo é diferente. A ênfase é colocada na ocorrência regular de eventos e no inerente caráter positivo dos mesmos. Neste sentido, qualquer atividade que *atrapalhe* o curso dos eventos é tida como negativa: boicotes, acidentes, greves, intervenções políticas ou religiosas, fenômenos meteorológicos etc. (p. 146). Até onde sabemos, ainda estão por se fazer estudos que explorem tais aspectos no Brasil.

Além desta e das sugestões de pesquisa apontadas ao longo do artigo, apresentamos uma última: investigar, no mesmo recorte temporal, a cobertura esportiva (reportagens) dos sites dos veículos de comunicação aos quais os blogues aqui analisados estão vinculados; e também o universo de blogues de torcedores do Botafogo. Aliás, alguns blogues de torcedores realizaram uma cobertura constante sobre o assunto, narrando e debatendo cada etapa do processo que se desenrolou no período que analisamos. Essa cobertura, via de regra, traz mais informações do que os textos de jornalistas, em alguns casos acompanhada de imagens e links para os relatórios e documentos oficiais. Portanto, reside aí um objeto rico para investigações futuras do esporte na Comunicação, com o potencial de ampliar o foco dos estudos sobre torcidas e torcedores para além das torcidas organizadas, objeto de repetidos (e muitas vezes repetitivos) trabalhos.⁴²

Por fim, mencionamos dois pontos que podem ser úteis em investigações futuras, mas não foram mencionados ao longo do artigo. Primeiro, o componente de gênero do universo pesquisado: praticamente inexitem blogueiras escrevendo sobre futebol. Segundo, o pouco uso de imagens pelos blogues. Em geral, as imagens são fotos de jogadores (comemorando gols, principalmente) ou desenhos de esquemas táticos. Como era de se esperar, houve algumas fotografias do Engenhão, de cunho ilustrativo: frequentemente não receberam crédito, nem foram mencionadas no texto.

⁴² Para um excelente trabalho de Comunicação abordando torcedores comuns, ver Vimieiro (2014).

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Bárbara Schausteck; MARCHI JUNIOR, Wanderley. O Brasil e os megaeventos esportivos: os subsídios da política externa. **Motrivivência**, v. 6, n. 42, p. 13-26, jun. 2014.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (org.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009a. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/imagens/blogs%20boneco%20copy.pdf>>. Acesso em 13 jan. 2015.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (org.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009b. p. 27-53.

BOOTH, Douglas. Olympic city bidding: An exegesis of power. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 46, n. 4, p. 367-386, December 2011. (Ahead of print, p. 1-20, May 19, 2011)

CURI, Martin. Espaços de emoção: Torcedores nos estádios. In: Encontro Anual da ANPOCS, 36, 2012. Águas de Lindóia, SP. **Anais...** 2012.

CURI, Martin; KNIJNIK, Jorge; MASCARENHAS, Gilmar. The Pan American Games in Rio de Janeiro 2007: Consequences of a sport mega-event on a BRIC country. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 46, n. 2, p. 140-156, 2011.

ESCOBAR, Juliana Lúcia. Blogs como nova categoria de webjornalismo. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (org.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 217-235.

GIRGINOV, Vassil. Governance of the London 2012 Olympic Games legacy. **Internacional Review for the Sociology of Sport**, v. 47, n. 5, p. 543-558, Oct. 2012.

GRUNEAU, Richard. Making Spectacle: A Case Study in Television Sports Production. In: WENNER, Lawrence (ed.). **Media, Sports & Society**. Newbury Park: Sage, 1989. p. 134-154.

JAGO, Leo et al. Optimising the potential of mega-events: an overview. **International Journal of Event and Festival Management**, v. 1, n. 3, p. 220-237, 2010.

JENNINGS, Andrew. Investigating corruption in corporate sport: The IOC and FIFA. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 46, n. 4, p. 387-398, December 2011. (Ahead of print, p. 1-12, May 19, 2011).

MASCARENHAS, Gilmar. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de (org.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. p. 505-533.

MCCHESNEY, Robert W. Media Made Sport: A History of Sports Coverage in the United States. In: WENNER, Lawrence (ed.). **Media, Sports & Society**. Newbury Park: Sage, 1989. p. 49-69.

PAMPUCH, Marcelo; ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Os legados estruturais dos Jogos Olímpicos (1992-2008): uma revisão de literatura. **Cadernos da Escola de Educação e Humanidades**, v. 1, n. 7, 2012.

QUADROS, Claudia Irene de; SPONHOLZ, Liriam. Deu no blog jornalístico: é notícia? **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 15, p. 1-14, jul.-dez. 2006. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4262/4424>>. Acesso em 26 jan. 2015.

RUBIO, Katia. Postulações brasileiras aos Jogos Olímpicos: considerações acerca da lenda do distanciamento entre política e Movimento Olímpico. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, v. XV, n. 895 (10), 5 de noviembre de 2010.

VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 273-335, jul.-dez. 2007.

VIMIEIRO, Ana Carolina. A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 31, n. 1, p. 23-59, dez.-mar. 2014.